

Construindo Derrida

Por **Carla Rodrigues**

Para o Valor, 31.5.2013

Em biografia recém-lançada, Benoît Peeters situa a obra do filósofo Jacques Derrida como parte de um tempo rico do pensamento francês

Judeu sem ser judeu, porque a perseguição nazista obrigou a família a esconder as origens judaicas. Francês sem ser francês, porque nasceu em uma colônia que depois abria guerra contra a França. Filósofo sem ser filósofo, inúmeras vezes criticado e rejeitado por não seguir as regras da pesquisa filosófica. De esquerda sem ser marxista, o que muitas vezes lhe rendeu desconfianças políticas. É desse estranho lugar sem ser lugar que fala "Derrida" (ed. Civilização Brasileira; trad. André Telles; 742 págs.; R\$ 79,90), a biografia do pensador franco-argelino Jacques Derrida (1930-2004) escrita pelo também filósofo Benoît Peeters, de 56 anos. O autor do livro conta como Jackie Élie Derrida, nascido em um subúrbio da Argélia, quarto filho de uma família modesta de magrebinos, se transformou no pensador Jacques Derrida, autor de uma obra filosófica imensa, de outros tantos conflitos com seus contemporâneos franceses, e de um reconhecimento internacional que incluiu sólida carreira acadêmica nos Estados Unidos.

Se, como argumenta o psicanalista francês Gérard Wajcman, o século XX é o século dos objetos, e o melhor objeto que representa o século XX é a ruína, o livro mostra como Derrida foi um dos pensadores mais importantes do século das ruínas por ter proposto uma experiência filosófica a partir da desconstrução - que virou moda em uma interpretação frívola e superficial -, tantas vezes confundida com destruição e motivo de conflitos com contemporâneos como Michel Foucault (1926-1984) ou com mestres como Jacques Lacan (1901-1981).

Resultado de dois anos de pesquisas e entrevistas, Peeters teve acesso aos arquivos de Derrida na França e nos EUA (o filósofo guardou obsessivamente tudo o que fez, as cartas que escreveu, e foi arquivista de sua obra) e situa a vida e produção do filósofo como parte de um tempo particularmente rico do pensamento francês. "Não são elementos filosóficos, mas também não são elementos estranhos à filosofia. É um jogo entre o que está dentro e o que está fora da obra", diz Peeters.

Seu maior desafio foi escrever de um ponto de vista que não fosse o de discípulo, filósofo ou amigo, embora tenha conhecido Derrida e o admirado. "Quis escrever um livro que não fosse reservado apenas aos que já conhecem a obra de Derrida, mas que também servisse para mostrar a grande ressonância da obra desse filósofo, considerado tão difícil de ler", afirma Peeters na entrevista a seguir.

Valor: *O senhor escreveu uma biografia de Derrida como uma tentativa de dar um sentido lógico e cronológico ao pensamento do filósofo?*

Benoît Peeters: Como atribuímos a ele a palavra "desconstrução", é paradoxal querer construí-lo. Mas tentei mostrar como ele se construiu como filósofo, como indivíduo, sua trajetória e também seu contexto, a história de suas ideias, os outros pensadores em torno dele, além dos fatos históricos, como a guerra da Argélia, o pós-colonialismo, os acontecimentos de Maio de 68, o 11 de Setembro -

que tiveram forte influência sobre seu pensamento. Derrida não aceitaria a ideia de que a vida explica a obra, mas penso que aceitaria a ideia de que a vida tem uma relação estranha e múltipla com a obra. Derrida foi um filósofo que pensou sobre a autobiografia, por acreditar na importância da singularidade de um filósofo. Não era um filósofo do neutro, do impessoal, da humanidade em geral, mas um filósofo da diferença, da singularidade, e que conferiu um lugar especial à experiência individual. Sua biografia - a Argélia da sua infância, o judaísmo, sua carreira internacional - me pareceu interessante de ser recontada.

Valor: *O senhor apresenta um jovem Derrida inseguro, tímido, que não corresponde ao grande filósofo que veio a se tornar depois.*

Peeters: Antes da publicação de seu primeiro livro ["Introdução à Origem da Geometria de Husserl"], Derrida não se parece em nada com a ideia que a maioria das pessoas têm dele. O primeiro Derrida é angustiado, carente de autoconfiança, talvez por causa de sua origem argelina, de sua expulsão da escola, aos 12 anos, durante a Segunda Guerra. Inseguro porque só saiu da Argélia pela primeira vez aos 19 anos, quando foi para Paris, onde se sente um pouco perdido, temeroso em relação ao concurso para a Escola Normal Superior. Nesse período, seu temperamento é melancólico e ele alimenta dúvidas sobre sua capacidade de escrever. Derrida só se liberta dessa dificuldade depois que seu primeiro livro é bem recebido e quando surgem os pedidos de artigo e de conferências. A partir daí, Derrida agiu sempre como um filósofo de circunstâncias, de situação, que respondia às demandas. Ele construiu uma obra a partir disso, mas não se permitia escrever sozinho. Derrida tinha necessidade de responder ao outro, por isso escreve sobre hospitalidade, com hospitalidade.

Valor: *Essas angústias iniciais orientam os temas de sua obra? E os conflitos com seus pares?*

Peeters: Derrida é um filósofo do seu tempo, mas também era intempestivo, como diria Nietzsche, que buscava agir com liberdade, a partir dos seus temas, e não se limitava a obedecer ao pensamento dominante. A França daquele momento é um período brilhante, com pensadores como Michel Foucault, Roland Barthes, Jacques Lacan, Louis Althusser, Emmanuel Levinas, Gilles Deleuze e muitos outros. Ele viveu em uma época muito rica. Dois de seus colegas de classe eram Pierre Bourdieu e Michel Serres. É nesse ambiente que vai procurar seu lugar, seu caminho singular. Nos primeiros tempos, Derrida tem dificuldades com as instituições, com a tradição filosófica, e faz experiências que não são bem compreendidas, como os livros "Glas" e "Cartão-Postal" [ed. Civilização Brasileira], ambos diferentes da tradição filosófica. Só ao fim da vida ele se permitiu falar de temas como hospitalidade, o segredo, o perdão, o testemunho e a pena de morte, que já estavam no coração de sua obra. Os temas subjacentes do seu pensamento se tornam explícitos nos anos posteriores, também porque sua notoriedade o permite ser ele mesmo, afirmar suas preocupações.

Valor: *É nesse momento que o tema da hospitalidade ganha destaque no seu pensamento?*

Peeters: A hospitalidade é uma das questões mais importantes de seu pensamento na medida em que ele - judeu, argelino, excluído - solicitou hospitalidade e não a recebeu, ou a recebeu de forma difícil. Ele pensa a hospitalidade a partir do lugar de quem bate à porta e não está seguro de que

será atendido. É por isso que, ao fim da vida, ele se engaja na causa dos "sans-papiers" [sem-papéis], que tem relação com seus primeiros trabalhos sobre o lugar e a função do texto e da escrita. Derrida é engajado, mas tenta ligar suas intervenções públicas aos temas que estão no coração do seu pensamento. É um filósofo que busca uma forma nova de intervir no debate público. Ele não esquece a filosofia em prol da atuação política.

Valor: *O senhor pode dar um exemplo desse tipo de engajamento?*

Peeters: No seu apoio a Nelson Mandela, por exemplo, Derrida se empenha em mostrar como ele é um grande jurista e como seu pensamento sobre o direito é mais forte do que o pensamento dos dirigentes da África do Sul - o que indica a possibilidade de ele vir a se tornar um grande líder político. Ele diz que se deveria, sim, defender Mandela, mas sobretudo se deveria ler Mandela (não diz apenas que é preciso libertá-lo). Da mesma forma, o seminário sobre a pena de morte é também uma releitura da tradição filosófica sobre a pena de morte. Derrida desconstrói essa tradição. A imagem pública da filosofia de Derrida é de uma filosofia longe do mundo, afastada, distante, reservada apenas aos iniciados. O que tentei fazer no livro foi mostrar que seu pensamento é profundamente inscrito na turbulência do século e pode ser lido por todos aqueles que quiserem discutir as questões sobre as quais trabalhou.

Valor: *Derrida foi um personagem muito turbulento e alguns de seus conflitos ficaram famosos. Quais mais o marcaram?*

Peeters: Quando se diz que Derrida e Foucault tiveram um conflito, parece que eles nunca se entenderam. Na verdade, em 1963, quando Derrida, de forma muito tímida, perguntou a Foucault se poderia dedicar uma conferência à "História da Loucura", Foucault não apenas aceitou como ficou feliz. Foucault, que era cinco anos mais velho que Derrida, começava a dar aulas e ficou contente de ter um jovem filósofo escrevendo sobre ele. Nesse primeiro momento, escreveu uma carta a Derrida, dizendo: "Você leu Descartes melhor do que eu". Alguns anos depois, Foucault e Derrida se tornaram iguais, do ponto de vista institucional, e rivais filosóficos. Foi só a partir do momento em que se tornou famoso que Foucault rejeitou a crítica de Derrida. O interessante nesse caso é a temporalidade. O mesmo ocorre em relação a Lacan, que se considera um mestre, já que é 29 anos mais velho. Quando se conheceram, entre 1963 e 1965, Lacan o achava notável e percebeu que Derrida seria um bom discípulo. Mas Derrida, embora estivesse muito interessado em Lacan, não pretendia tornar-se um discípulo. Quando Derrida escreveu "O Carteiro da Verdade", em 1975, o fez de forma independente. Não é um texto assim tão crítico a Lacan, mas também não é reverencial, admirativo e obediente. É um texto que diz: "Podemos trabalhar sobre o texto de Lacan". O psicanalista não suportou essa abordagem e a relação entre os dois nunca funcionou. Mas da parte de Derrida sempre houve, desde o início, um grande respeito por Lacan.

Valor: *Esses conflitos foram importantes no desenvolvimento da obra de Derrida?*

Peeters: Sim, se considerarmos que o campo filosófico não é um lugar neutro, no qual todos os filósofos avançam juntos, lado a lado, em direção à sabedoria e à verdade. A filosofia é um lugar de combate, de poder, é um campo de guerra. Mas esse combate não é estéril. Quando dois pensadores se confrontam, pode surgir

alguma coisa de novo. Um pensamento se constrói contra outro. Nessa cena filosófica, Derrida foi por vezes vítima, por vezes combatente.

Valor: *O senhor acredita que grande parte dos conflitos se dá por uma nunca esclarecida confusão entre desconstrução e destruição?*

Peeters: Derrida sempre disse que só se debruçou sobre textos que amava. Nesse sentido, o gesto da desconstrução é um gesto de amor, embora muitos ainda pensem que desconstruir um autor é mostrar que aquele autor não tem bases sólidas ou é um reacionário. No fim de sua vida, Derrida definiu a desconstrução como uma afirmação, mas é uma afirmação que toma o pensamento do outro para levá-lo adiante, para levá-lo a sério. Essa é a abordagem criativa do pensamento de Derrida. Para seus contemporâneos, no entanto, não foi fácil. Conforme Derrida foi se tornando um filósofo famoso, que ganhava espaço na cena acadêmica dos EUA, essas desconstruções muitas vezes se confundiam com críticas ou eram mal recebidas. Não se trata de dividir os filósofos entre amigos e inimigos de Derrida, mas de compreender o interior de cada um dos conflitos como parte das disputas entre amigos, mestres, discípulos, alunos, disputas que também influenciam a recepção do pensamento dele.

Valor: *Uma das características de Derrida que incomodava seus pares é o fato de que não respeitava fronteiras, lia muitos autores, tinha como particularidade não se fechar, ocupava espaço já ocupado por outros. Isso contribuiu para os conflitos?*

Peeters: Os filósofos são, em geral, especializados em filosofia antiga, medieval, lógica, moderna. Derrida recusava esse sistema em favor de uma abertura extraordinária. Lia de Artaud a Marx, de Maurice Blanchot a Freud, de Platão a Hegel, de James Joyce a Helene Cixous, em uma amplitude que não estabelecia barreiras ou limites entre o que pode ou não pode ser lido na filosofia. No início, quando ele se debruçava sobre Husserl e sobre a fenomenologia, sua filosofia ainda era muito técnica, mas pouco a pouco ele ampliou sua atuação. O pensamento de Derrida se aventurava cada vez mais, se tornava mais lírico. Mas esse movimento aberto também acentuava os atritos, porque ele não se continham nem ao campo filosófico nem ao campo francês. Muito rapidamente o território da desconstrução se ampliou também geograficamente, quando Derrida se estabeleceu nos EUA.

Valor: *Foram esses atritos que fizeram dele um autor mais lido nos EUA do que na França?*

Peeters: A rejeição começou muito cedo na França, antes mesmo de que Derrida conhecesse o sucesso nos EUA. Quando ele se tornou famoso nos EUA a rejeição aumentou, aí já por inveja. Se ele partiu muitas vezes para os EUA foi exatamente por não ser bem-aceito na França. Ao longo da vida, Derrida se representou como uma vítima, um mal-amado, um rejeitado, um marginal. Essa representação interior depois ficou deslocada da glória e do reconhecimento internacional de seus escritos. Mas fundamentalmente sua relação com o mundo e com os outros permaneceu marcada por essa representação de vítima. Objetivamente, a realidade não era mais essa a partir da metade dos anos 1970.

Valor: *E qual seria a grande contribuição do seu pensamento ao século XXI?*

Peeters: Derrida pode ser lido na filosofia política ou na filosofia moral como uma resposta de um certo fracasso do marxismo e das ideologias tradicionais, e

nesse sentido acredito em um grande futuro para esse pensamento. Mas isso supõe muito trabalho, não de repetição nem de imitação, mas um trabalho de ir além de Derrida. É preciso que os estudos sobre Derrida se libertem do "derridismo", o que pode ser mortal para sua obra. Da mesma forma, a homenagem também é apenas mórbida, e não ajudará a manter seu pensamento vivo. Em 2014, quando completam-se dez anos de sua morte, será um bom momento para virar a página do luto e abrir uma etapa de leitura crítica.

Valor: *Como é a recepção e o reconhecimento do pensamento de Derrida na França hoje?*

Peeters: Um fator importante em relação à leitura de Derrida é a publicação de sua obra póstuma. Começam a ser publicados os seminários de Derrida, que vão nos trazer muitas surpresas sobre temas como hospitalidade, animalidade, pena de morte, e vai nos permitir conhecer aos poucos a oralidade de Derrida, mais acessível do que seus textos. Nesses cursos, ele fala de autores sobre os quais não escreveu, ou de filósofos pouco presentes em suas obras publicadas. Penso que esta será uma etapa determinante da recepção de seu pensamento. Além disso, acho que a América Latina e a Ásia serão dois polos fundamentais na continuação da recepção da obra de Derrida. A biografia está sendo traduzida em países como Argentina, Brasil, Chile, Coreia do Sul, Japão e China, o que pode indicar que o interesse por Derrida se deslocou. Atualmente, o que se deve desejar é que essas novas leituras encontrem uma forma não reverencial de se aproximar de sua obra, numa abordagem mais livre, para reutilizá-lo como Derrida também reutilizou os textos clássicos. A moda vai passar, mas aos poucos, ele também se tornará um clássico.